

INVESTIGANDO O IMPACTO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO À AIDS NOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS DE RIO DO SUL¹

Juliana Perucchi²

Cristian Caê Seemann Stassun³

RESUMO

As estratégias de prevenção as DST/AIDS desenvolvidas pelo Ministério da Saúde, por organizações civis e por outros setores da sociedade têm se proliferado vertiginosamente junto a diversos públicos, entre eles os jovens. O objetivo deste trabalho é investigar, a partir das reflexões teóricas da Psicologia Social Crítica, o impacto das campanhas preventivas contra a AIDS junto a jovens universitários da cidade de Rio do Sul. A investigação da qual origina-se este artigo contempla a análise de dados coletados a partir de um questionário aplicado entre alunos dos cursos de Psicologia, Direito, Letras e Pedagogia com perguntas acerca das impressões e dos sentidos que os jovens têm sobre elementos de comunicação visual (tais como a cor, imagem e textura) e de conteúdo (linguagem escrita e configuração de textos) de *folders*, cartazes e outros meios de divulgação impressos aos quais eles têm acesso. As questões foram elaboradas a fim de verificar se tais campanhas, sob tais moldes de veiculação, têm algum impacto efe-

tivo no sentido de promover mudanças de práticas e atitudes dos jovens universitários para a prevenção. Os resultados evidenciam a importância destas estratégias mas apontam a necessidade de se promover campanhas que desconstruam os mitos românticos e os preconceitos imbricados no imaginário social da juventude.

Palavras-chave: campanhas de prevenção, AIDS, jovens.

ABSTRACT

The prevention strategies the AIDS developed for the Health Department, civil organizations and other sectors of the society if have proliferated vertiginously together the diverse public, between them the young. The objective of this work is to investigate, from the theoretical reflections of Critical Social Psychology, the impact of the preventive campaigns against the together AIDS the young colleges student of the city of Rio do Sul. The inquiry of which originates this article contemplates the analysis of data collected from a

1 Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) desenvolvido na área de Psicologia Social.

2 Professora-orientadora do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC). (Doutoranda em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina)

3 Acadêmico-pesquisador do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC). (Universitário de Psicologia - Universidade Para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí)

questionnaire applied between pupils of the courses of Psychology, Advocacy, Letters and Pedagogy with questions concerning the impressions and of the directions that the young has on elements of visual communication (such as the color, image and texture) and of content (written language and configuration of texts) of folders, posters and other ways of spreading printed matters to which they have access. The questions had been elaborated similar of verifying if such campaigns, under such molds of propagation, have some effective impact in the direction to promote practical changes of and attitudes of the young colleges student for the prevention. The results evidence the importance of these strategies but they point the necessity of if to promote campaigns those disconstruc romantic myths and the preconceptions impregnates in imaginary the social one of youth.

Word-key: campaigns of prevention, AIDS, young.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados das Nações Unidas, a AIDS já matou 18,8 milhões de pessoas no mundo desde que foi detectada pela primeira vez no começo da década de 80. A América Latina aparece em terceiro lugar na lista, com 1,3 milhão de portadores do vírus HIV, atrás apenas da África e do Sudeste Asiático. O Brasil, por sua vez, encabeça a lista no continente latino-americano, com 530 mil pessoas infectadas. Há uma preocupação mundial com a expansão da doença,

no sentido de aumentar drasticamente o volume de recursos disponíveis para prevenção e tratamento.

A problemática da AIDS da cidade Rio do Sul em Santa Catarina evidencia que o número de pessoas infectadas é bastante expressivo. De acordo com os dados da Vigilância Epidemiológica em 2002 os números alcançam 150 pessoas no Alto Vale, e tal quadro tende a aumentar se a prevenção não for viabilizada efetivamente, no sentido de diminuir as atitudes de risco, principalmente dos jovens, em relação às formas de contágio.

É neste contexto social que a pesquisa sustentou sua relevância social e apresenta seus resultados neste artigo. A partir dessa investigação científica com 244 jovens universitários, foram evidenciar alguns elementos psicológicos e sociais a respeito das questões levantadas: Qual o impacto das campanhas de prevenção a AIDS nos jovens universitários de Rio do Sul? As Campanhas desenvolvidas no município são mediação para que os jovens deixem de ter atitudes de risco? Os jovens se apropriam destas informações e se previnem efetivamente contra a AIDS?

O referencial teórico que sustenta a presente reflexão é o da Psicologia Sócio-histórica e as proposições aqui apontadas refletem o trabalho de iniciação científica desenvolvido ao longo de um ano.

Neste sentido, um primeiro elemento interessante a ser destacado diz respeito ao caráter heterogêneo

e multidisciplinar dos participantes da pesquisa. Foram realizados questionários com acadêmicos dos cursos de direito, psicologia, pedagogia e letras. A escolha por esses cursos deveu-se ao fato deles comporem o quadro de graduação da FaCSHuL - Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Licenciatura da universidade, o que facilitou bastante o acesso do pesquisador ao universo a ser investigado.

2 O IMPACTO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO A AIDS EM JOVENS DE RIO DO SUL.

A maioria dos participantes da pesquisa está solteira (44%), sendo que uma parcela significativa é casada (20%) ou namora (42%), o que explica parcialmente o dado evidenciado a respeito das práticas sexuais dessas pessoas, a grande maioria mantém relações sexuais (78%). A pesquisa foi feita com 244 jovens universitários.

Outro dado relevante para a análise diz respeito à frequência dessas práticas, 46% mais de uma vez por semana, 17% menos de uma vez por semana (possivelmente solteiros (as) sem casal fixo), 13% uma vez por semana.

Uma reflexão um pouco mais apurada que se pode fazer a respeito da problemática é provocada pelas respostas a três questões específicas do questionário. Nas três primeiras perguntas identificadas como "Dados de análise de conhecimento" há uma contradição interessante. Todos os

participantes responderam positivamente as duas perguntas: "Você sabe o que é AIDS?" e "Você conhece as formas de contágio da AIDS?", entretanto, quando lhes foi questionado, logo a seguir, "Que grupo hoje se contamina mais com o HIV?" as respostas indicam que ainda há um enorme desconhecimento, ou supõem-se também, um preconceito a respeito de certas minorias sociais que, antigamente, foram identificadas, erroneamente como "grupos de risco". A maioria dos participantes (34%) afirmou que o grupo que hoje mais se contamina com o HIV é o dos homossexuais, seguido de perto pelos heterossexuais, segundo a opinião de 28% dos participantes da pesquisa. Vale a pena refletir sobre o imaginário social que sustenta tais respostas.

"É impossível estudar qualquer fenômeno social nas suas manifestações ao nível do indivíduo sem primeiro entender o universo de representações dentro do qual o indivíduo se move como ator social. E as representações são produzidas socialmente. [...] Em outras palavras, para entender a forma e o conteúdo de representações sobre a sexualidade é fundamental perceber que eles são produzidos num contexto político mais amplo." (FRY, 1982, p. 109)

Apesar de todos os participantes afirmarem que sabem o que é a AIDS e conhecerem suas formas de contágio, nem todos parece conseguir desvincular suas respostas à antiga ideologia sectária que impregnou a maioria das pessoas em meados dos anos 80, quando a AIDS era exclusivamente vinculada à promiscuidade

de e às minorias sexuais.

Sexo sem camisinha, transfusão de sangue e compartilhamento de seringas, aparecem como as formas de contágio mais reconhecidas pelos participantes. É interessante perceber que sua compreensão a respeito do contágio transcende a idéia do senso comum que liga a transmissão do HIV ao sexo, impreterivelmente. A compreensão desse dado torna-se mais instigante quando o analisamos a partir das respostas discutidas acima. Pode-se perceber que os informantes têm, de fato, compreensão a respeito das atitudes de risco, que constituem as principais formas de contágio, mas é interessante que tenham associado tais comportamentos a determinados grupos, como por exemplo, os homossexuais, quando se sabe que o contágio não está vinculado a grupos humanos mas sim a posturas de risco por parte de certas pessoas, independente de sua orientação sexual.

“As concepções acerca da sexualidade foram constituídas a partir de um modelo de oposição binária (homem X mulher) dada como natural e universal. Cabe ressaltar, entretanto, que tal viés dicotômico e exclutor está atrelado, como assinalou Foucault (1993), a valores sociais que compreendem a norma heterossexual como natural, saudável e socialmente aceita; enquanto que o que está fora de tal norma estará, então, fadado ao espaço do antinatural, do doentio, do desviante. Tais valores são concebidos sob a ótica da dominação-exploração, implicada nas relações de gênero. Trata-se de valores que impregnam as discussões acerca da sexualidade e do homoerotismo -

quando não compreendido enquanto fenômeno histórico, inserido na dinâmica das relações sociais.” (PERUCCHI, 2001, p.35)

Quando partimos para a análise das respostas a respeito do uso efetivo do preservativo nas relações sexuais, percebe-se que há uma equiparação estatística entre os que usam preservativos em todas as relações que mantém (49%) e os que dele não se utilizam com tanta frequência (43%). Novamente os dados instigam uma análise mais atenta. Paradoxalmente ao conhecimento que parecem ter a respeito das formas de contágio, as práticas evidenciam uma despreocupação em relação aos cuidados exigidos às relações sexuais. Aparece aqui uma reflexão que não se pode deixar passar. Curioso perceber que mais uma vez a lacuna evidenciada nas respostas está vinculada à discussão da sexualidade. Será uma simples coincidência o fato da maioria dos participantes acreditar que o grupo mais exposto à AIDS atualmente seriam os homossexuais - que equivocadamente se agrega à idéia de promiscuidade - e também a maioria informar que não se utiliza o preservativo em todas as suas práticas sexuais? Parece que não. Uma análise de conteúdo mais apurada poderá nos fornecer o elo de ligação entre essas respostas, e vislumbrar o imaginário social que aparece, nesse momento de forma meio turva, como pano de fundo para esses dados.

É evidente a relação quase que direta que os jovens pesquisados estabelecem entre a AIDS e uma orientação sexual "desviante", tratan-

do-se portanto, tais informantes, de jovens com orientação sexual "normal", é peculiar que se localizem como fora da margem de risco de contágio, o que justificaria a não necessidade de utilização do preservativo em boa parte de suas relações sexuais.

É importante destacar que inicialmente a AIDS foi associada, de forma estigmatizadora, a "grupos de risco", tais como homossexuais, prostitutas, dependentes químicos e hemofílicos, localizados em grandes centros urbanos. Essa associação da doença disseminou a falsa noção de que as pessoas não pertencentes a estes "grupos" estariam "a salvo da ameaça". Por outro lado, reforçou preconceitos e estigmas vigentes contra algumas minorias.

A epidemia, ao longo dos anos 80 e 90, tem atingido homens, mulheres, jovens e crianças, indistintamente: indivíduos de diferentes segmentos sociais, com graus de instrução diferenciados, de diversas etnias, habitantes de grandes centros urbanos e cidades de pequeno porte, nas mais remotas regiões do país, de diferentes religiões e orientações sexuais.

Um dado importantíssimo é que as pessoas questionadas conhecem os métodos de Prevenção à AIDS e apenas algumas delas usam camisinha em todas as suas relações sexuais. Essa perspectiva já é dimensionada em outras pesquisas nacionais "Recente e ampla pesquisa comportamental sobre a sexualidade do brasileiro trouxe um dado inquietante. A

imensa maioria da população sabe da existência da AIDS, conhece os mecanismos da prevenção da doença mas continua adotando comportamentos de risco, dispensando o preservativo nas relações sexuais." (MONTE-LEONE, 1999, nº146). Na pesquisa "Crenças dos universitários sobre práticas e comportamentos sexuais orais e a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana" (GIR, 1997, p. 293-307), atribuídos pelos universitários a diferentes práticas /comportamentos sexuais, também identificou que em 60% dos itens, observou-se que os estudantes apresentam conhecimento compatível ao preconizado pelos especialistas. Entretanto faz-se necessária à educação continuada a estes alunos, considerando-os tanto como pessoa, como futuro profissional prestador de assistência aos indivíduos infectados pelo HIV ou com AIDS.

Voltando à pesquisa que deu origem ao presente artigo, a análise das perguntas do questionário quanto as Campanhas de Prevenção à AIDS, evidenciou inúmeros pontos importantes. Na questão nº 6 os entrevistados dispuseram que o acesso as Campanhas de Prevenção à AIDS se dá, em sua maioria (32%) pela televisão, o que mostra que tal veículo de comunicação social é predominante, sobretudo porque vem se consolidando na maioria dos veículos - é a tendência de mencionar o uso da camisinha, com fins de prevenção ao HIV, nas reportagens e nas respostas de especialistas sobre questões relacionadas a outras vertentes da sexualidade humana (primeira vez, gravi-

dez, prazer, etc). Em outras palavras, avança a consciência do jornalista sobre a necessidade de incluir a questão "prevenção" em qualquer abordagem que direta ou indiretamente esteja relacionada ao tema AIDS & DST.

O veículo ou estratégia de comunicação que ficou em segunda posição (25%) em relação ao acesso da população às campanhas de prevenção foi às palestras, o que demonstra que é relativamente eficiente a realização de palestras na região do Alto Vale do Itajaí, principalmente em escolas. As respostas ainda apresentaram que 16% destes jovens têm acesso por meio de cartazes, 15% por meio de folders e 7% pelo rádio.

Ainda em relação ao acesso as campanhas, observam-se que, segundo as informações coletadas, as campanhas de prevenção acontecem em poucas situações (3%) perto da casa dos questionados, o que evidencia um distanciamento entre tais estratégias de prevenção e seus destinatários. Ainda neste sentido, 12% dos informantes acham que elas acontecem em postos de saúde, segundo 11% dos questionados as campanhas são acessadas na Universidade, 9% nas ruas e 8% no trabalho.

É interessante analisar que 43% dos jovens questionados não usam preservativo em todas as suas relações sexuais e que apenas 11% têm contato com Campanhas de Prevenção à AIDS na Universidade.

O oitavo item do questionário de coleta de dados indagava sobre a

influência das Campanhas de Prevenção à AIDS na prática sexual dos jovens. A maioria (66%) respondeu que sim e 34% responderam que não. Os conteúdos contidos nas campanhas, apresentados como dado científico sobre a contaminação do vírus, remete a Foucault, sobre como as informações são persuadidas nos meios.

"[...] a verdade é centrada na forma de discurso científico e nas instituições que a produzem: está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante de alguns aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objetivo de debate político e de confronto social (lutas "ideológicas")." (FOUCAULT, 1979, p.13)

Uma das campanhas sobre as quais a presente investigação se debruçou, para saber seu impacto sobre os jovens, foi à promovida via cartazes, pelo Ministério da Saúde, utilizando a imagem de uma cantora pop muito conhecida pelo público jovem. O slogan era: "Mostre que você cresceu e sabe o que quer. Neste Carnaval, use camisinha." Com a imagem da cantora segurando uma camisinha na mão. A presente campanha utilizando-se da imagem desta artista foi criticada por grupos

organizados pela luta contra a AIDS, que afirmavam a vinculação da campanha com uma “pseu-doliberdade sexual”. O outro cartaz analisado nessa pesquisa mostra um homem de costas com a mensagem “É Assim que muita gente encara a AIDS”. A respeito do impacto desse tipo de campanha 73% dos jovens questionados responderam que os cartazes ajudam na Prevenção à AIDS.

Foi analisada também a frequência das campanhas e sua relação com o impacto delas sobre os jovens. 47% dos jovens dizem que têm acesso a menos de uma campanha por semana, 29% pelo menos uma campanha por semana e 20% mais de uma campanha por semana. Sobre o impacto que a frequência das Campanhas de Prevenção à AIDS tem sobre eles 88% dos jovens disse que a frequência tem um impacto favorável na prevenção. Pode-se conduzir a uma lógica que quanto maior a frequência com que a campanha é veiculada maior o sucesso sobre o público atingido. Entretanto, volta-se a lembrar que há uma lacuna entre a apreensão das informações de contágio e a efetiva prática de prevenção por parte destes jovens. Eles sabem como se dá o contágio, assimilam as informações transmitidas pelos diversos tipos de campanha, entretanto, nem todos utilizam o preservativo em todas as suas relações sexuais.

As campanhas da forma como vem sendo tratadas: frequência em certos períodos do ano com foco em momentos e festas do ano (ex. Car-

naval), trazem um dado de análise, 58% dos jovens questionados concordam que há determinados contextos que facilitam ou até mesmo incitam a prática sexual entre a juventude que, em função disto às campanhas devem ser veiculadas com maior intensidade nestas situações.

“As campanhas de mídia, especialmente de televisão, dirigidas à população em geral, são necessárias. Mas não da forma como vem sendo tratadas: verticais na concepção, sazonais, superficiais, sem periodicidade, só atendendo interesses do mercado publicitário. Não dá para aceitar que prevenção em Aids esteja em pauta só às vésperas do carnaval. As campanhas devem ser permanentes, descentralizadas em Estados e municípios, lidas em concorrências públicas, com participação da área técnica e da comunidade, com total transparência de recursos.” (MONTELEONE, 1999, nº146).

Quando indagados se “Por causa da descoberta do coquetel contra a AIDS e por que os infectados vivem mais tempo, você acha que as pessoas estão se descuidando, deixando de se prevenir da AIDS?” 62% disseram que não e 38% que sim. As respostas mostram que, apesar de serem minoria no quadro investigado, uma parcela significativa entende que a descoberta de drogas para o combate à doença parece minimizar a preocupação com seu contágio. “A propaganda em torno da eficácia do “coquetel”, que chegou até a ser anunciado como cura da Aids, tem contribuído para afastar as pessoas da prevenção e aumentar o

desinteresse dos meios de comunicação, entidades e serviços por campanhas de prevenção.” (MONTELEONE, 1999, nº146).

Outra questão investigada diz respeito “ao perigo do contágio” e o que ele manifesta no jovem universitário. Para 74 % dos universitários o perigo do contágio gera medo, para 17% nenhuma reação e para 9% curiosidade. Neste sentido, o perigo da contaminação veiculado pelas campanhas tem efeito na adoção de sexo seguro em 81% dos jovens questionados.

“São muitas as representações que determinam a percepção do risco. Não se pode, por exemplo, negligenciar a cultura sexual e suas variantes. No caso da Aids a própria conotação de perigo pode ter efeito de repulsão, mas também de fascínio, o que vai incidir na adoção do sexo seguro. Até mesmo diante da consciência da infecção as atitudes variam: desde a utilização de preservativo, passando pela redução do número de parceiros até o radicalismo da abstinência total do sexo. Ou seja, existe uma lógica individual que deve ser levada em conta e respeitada.” (MONTELEONE, 1999, nº146).

Sobre a abrangência das campanhas em nível nacional, 82% dos jovens questionados disseram que não concordaram com que as campanhas de prevenção atingem igualmente as pessoas das diferentes regiões do país. As campanhas parecem ter um impacto qualitativamente diferente nas diversas regiões do Brasil e nas diferentes camadas sociais brasileiras. A presente investigação aponta que o uso exclusivo das campanhas de

comunicação de massa não é suficiente para efetivamente emplacar estratégias de mudanças de práticas e de atitudes dos jovens frente a AIDS. A epidemia atinge a população de forma e em contextos diferentes. Há de se considerar as diferenças regionais, tanto nas questões sócio-econômicas e culturais quanto nas vias de transmissão. Alguns grupos estão mais vulneráveis que outros. “Neste caso só irão funcionar ações dirigidas, focalizadas, falando a linguagem do público-alvo, de preferência tendo como interlocutor um grupo organizado ou alguém pertencente a este público. A prevenção em Aids tem que chegar às populações de baixa renda, às famílias, aos locais de trabalho e escolas.” (MONTELEONE, 1999, nº146).

A distribuição de folders e materiais informativos de forma aleatória, pelas ruas ou nas escolas, sem uma palestra explicativa, aparecem para 84% dos jovens questionados como uma estratégia insuficiente para fazer com que as pessoas tomem consciência da necessidade de prevenção e efetivamente se previna.

Outra questão avaliada na pesquisa foi em relação ao uso de imagens nas campanhas. Algumas campanhas utilizam-se de figuras e fotos relacionadas a AIDS que remetem aos quadros da doença: úlceras e deformidades no corpo causadas pela patologia. E outras campanhas utilizam-se de fotos de artistas e celebridades da música agregando suas imagens ao uso da camisinha. Foi perguntado aos jovens qual destes tipos de imagens veiculadas em

campanhas de prevenção lhe chamam mais a atenção. A maioria dos jovens (77%) afirmou que as figuras que mais lhe chamaram atenção são aquelas que remetem aos quadros da doença e sua debilitação corporal. Tal evidência aponta que figuras e imagens ilustrativas, que remetem às debilidades causadas no corpo pelo contágio da AIDS são mais impactantes e atingem o imaginário das pessoas de uma forma mais intensa. O que se pode evidenciar portanto é que a materialidade das consequências do contágio sobre o corpo humano trazem a realidade concreta e os riscos reais da AIDS à luz da consciência destes jovens. A exposição de imagens de corpos doentes e quadros sintomáticos em campanhas de prevenção, apesar de pouco utilizadas atualmente, são estratégias impactantes que podem alertar concretamente.

A última parte da pesquisa teve o objetivo de analisar que tipo de folders seria mais aceito pelos jovens. Sobre a “capa” dos folders, as que mais chamam atenção dos jovens universitários são: com foto de pessoas (37%), coloridos (23%), com textos explicativos (15%) e com perguntas (14%). Foram rejeitados pelos jovens os folders com capa em preto e branco (0%), foscos (1%), de material reciclado (2%) e com desenhos (6%).

Sobre a parte interna dos folders os jovens parecem preferir aqueles com imagens explicativas e textos (47%), textos curtos com os tópicos principais (25%). Aqueles com imagens explicativas em seu conteúdo

foram preferidos por 19% dos jovens questionados. Os folders rejeitados foram aqueles que em sua parte interna apresentam: somente textos (0%) e com textos longos (8%).

Em relação ao tamanho dos folders, 43% dos jovens preferem os médios 20x10cm (Modelo livro), 42% dos questionados preferem folders grandes 20x20cm, e 12% dos jovens preferem os modelos pequenos 5x5cm (de bolso).

A última questão analisada na pesquisa foi à relação entre a veiculação das campanhas de prevenção à AIDS existentes e a mudança efetiva nas práticas e atitudes de prevenção. 84% dos jovens afirmaram que as campanhas veiculadas atualmente precisam melhorar, mas apesar disso, elas esclarecem aos Jovens Universitários sobre a Prevenção da AIDS.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proliferação de casos de contágio pelo HIV-AIDS no Brasil de modo geral e especificamente em Santa Catarina tem alarmado não apenas as agências de saúde governamentais, mas também os demais setores da sociedade. Mais que um problema de saúde pública a epidemia tem se mostrado um espectro de concepções equivocadas. As informações divulgadas ao longo dos anos sobre as formas de contágio compuseram um aglomerado indigesto de fragmentos de preconceitos e inverdades. Tal composição impreg-

nou o imaginário social das pessoas de modo a esvaziá-lo de crítica, delineando um universo romaneado e até mesmo falso sobre as formas de contágio. Evidência disso são as incongruências que se destacaram ao longo das respostas dadas às questões apresentadas aos jovens universitários de Rio do Sul.

Entendendo que os discursos constituem subjetividades e práticas dos sujeitos no contexto de suas relações sociais, as informações transmitidas pelos meios de divulgação impressos, como folders e cartazes, configuram-se como mediação para as mais variadas posturas desses jovens frente ao risco de contágio. Na mesma medida em que as campanhas de prevenção destacam-se como estratégias fundamentais para a apreensão de novas práticas sociais, elas apresentam-se como ferramentas ainda pouco eficazes no sentido de reformular antigas e errôneas concepções que os jovens possuem a respeito da própria sexualidade e dos desdobramentos que dela decorrem.

A abrangência das campanhas impressas veiculadas em Rio do Sul (e provavelmente em todo o Brasil) concentra-se fundamentalmente na AIDS enquanto doença, mas não alcançam a amplitude simbólica da epidemia no que se refere aos sentidos atribuídos às chamadas atitudes de risco. Impregna ainda, no imaginário destes jovens, a noção de grupos específicos da sociedade suscetíveis ao contágio e, o que parece mais preocupante, a falsa idéia de segurança independente da prática sustentada no lugar social que esses jo-

vens ocupam “fora” destes “grupos de risco”.

A noção de vulnerabilidade toma formas muito bizarras dentro desta falácia. O risco de contágio desloca-se de seu contexto concreto: práticas sexuais não preventivas, para um contexto ilusório: de segurança pautada na orientação sexual ou em atitudes não promíscuas abrindo-se mão do uso de preservativo.

Assim, os elementos de comunicação visual, tais como a cor, imagem e textura; e de conteúdo, como linguagem escrita e configuração de textos, não aparecem como fatores determinantes na eficácia do impacto destes materiais impressos, apenas auxiliam em um processo de persuasão e convencimento muito mais complexo. Tal processo parece ter como fator determinante, portanto, a capacidade destes folders e cartazes em desconstruir a lógica vigente no imaginário juvenil acerca de como, quem e em que situações, tais sujeitos estão arriscados a se contaminar.

Novamente percebe-se a mediação dos discursos na construção de práticas e subjetividades. Neste sentido, os “discursos oficiais” da saúde parecem estar perpetuando não a desinformação, pois informações os jovens afirmam ter, mas sim, a falta de conhecimento e a ausência de apreensão destas avalanches de informações no cotidiano de suas práticas sexuais.

Ao longo da investigação desenvolvida, que resultou na elaboração do presente artigo, percebeu-se a

relevância social das inúmeras campanhas de prevenção, não apenas da AIDS, mas, sobretudo, das demais doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, é fundamental que os profissionais de saúde, não do campo da Psicologia, mas também de todas as ciências que se propõem a investigar e sustentar intervenções no âmbito da saúde, ampliem seu diálogo com as agências governamentais, no sentido de auxiliar e viabilizar possibilidades de planejamento de ações, programas e projetos, via políticas públicas.

O desafio de erradicação de patologias que se tornaram epidemias no contexto brasileiro é uma tarefa complexa que só terá êxito com o engajamento interdisciplinar e multisetorial. O desenvolvimento de estratégias complexas no campo da saúde amplia a responsabilidade, estendendo-a do campo governamental, em sua envergadura política e social, para todas as esferas da sociedade.

No sentido de produção de conhecimento também já não se pode deixar o problema como responsabilidade exclusiva da academia, é imprescindível que as organizações não governamentais, os institutos de pesquisa privados e, até mesmo, as indústrias farmacêuticas, sejam convidados a participar do debate e sintam-se chamados à participação no campo da investigação científica.

A problemática é ampla, envolve diversas facetas e múltiplos elementos. Tal realidade exige intervenções que acompanhem a complexidade do

universo a ser atendido, não com ensaios ou ações paleativas, mas sim, com propostas efetivas e condizentes à gravidade do problema.

É emergencial que as estratégias de prevenção sejam repensadas e desenvolvidas no âmbito das políticas públicas de controle e combate as DST/AIDS tendo como perspectiva e foco não somente à epidemia, mas todo o universo simbólico que dá significado a ela e aos discursos e práticas a ela vinculados. Sob tal conjuntura a AIDS passa a ser enfocada não mais como exclusivamente um problema de saúde pública mas, fundamentalmente, e também, como um fenômeno sócio-histórico.

4 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sergio Jose A.. **O Despertar Ameaçado**: adolescência, sexualidade e HIV. - Revista Brasileira de Sexualidade Humana: v.2,n.9, p. 217-229, jul./dez. 1998.

ANDI/IAS/UNESCO - Pesquisa (1999) - **Os Jovens na Mídia**: o desafio da AIDS na mídia, no fogo cruzado da sexualidade, da prevenção e da questão de gênero. [On-line], Available: <www.andi.org.br>. acesso em: 08, jan. 2003.

ANDRADE, Sonia Maria Oliveira de; TANAKA, Oswaldo Yoshimi. **O Saber e a Prevenção no Trabalho e na Vida**: representação de profissionais de saúde que trabalham com HIV/AIDS. Psicologia Ciência e Profissão: v.22, n.2, p. 60-69, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação**: referências elaboração. Rio de Janeiro: 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

FILHO, E. A. DE S., CANABRAVA, A. P. B., BELDARRAIN, A. **Cartazes de Campanhas de Prevenção à AIDS no Brasil**: aspectos sociais.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRY, Peter. **Da Hierarquia à Igualdade**: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In. Para Inglês Ver. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115.)

HASTINGS, G.B. e HAYWOOD, A.J. **Social Marketing and Communication in Health Promotion**. University of Strathclyde: Strathclyde (mimeo) 1991.

GIR, Elucir. et al. **Crenças dos Universitários sobre [Práticas e Comportamentos Sexuais Orais e a Infecção Pelo Vírus da Imunodeficiência Humana - I]**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana: v. 2, n. 8, p. 293-307. jul./dez. 1997.

LANE, Sílvia T.M. **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LESCURA, Yara; MAMEDE, Marli Villela. **Estudo Sobre Sífilis, Gonorréia e AIDS no Espaço de Vida dos Alunos Universitários**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana: v. 2, n. 8, p. 277-292, jul./dez. 1997.

LIMA, A.L.M. et al. **HIV/AIDS**: perguntas e respostas. Editora Atheneu: 1996

LOYOLA, Maria A. (org.). **AIDS e Sexualidade**: o ponto-de-vista das ciências humanas. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UERJ, 1994.

MANN, Jonathan et alii (orgs.). **A AIDS no Mundo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ ABIA/IMS-UERJ, 1993.

MONTELEONE, Pedro P. R. Onde estão as campanhas de prevenção? **Editorial do Jornal do CREMESP**. Ano XVIII: Nº146, Out. 1999.

NAUD, P. **Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS**. São Paulo: Artes Médicas, 1993.

PARKER, Richard et alii (Orgs.). **A AIDS no Brasil**. RJ: Relume Dumará/ABIA/IMS-UERJ, 1994.

PASSOS, M.R.L. **Doenças Sexualmente Transmissíveis**, 4. ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1995.

PERUCCHI, Juliana. **Investigando os Sentidos que Mulheres Lésbicas Atribuem às Relações Sociais que Estabelecem em um Gueto GLS de Florianópolis**. Florianópolis, 2001. - 170 f. - Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO PAULO. **Diretrizes e Normas Técnicas de Diagnóstico, Tratamento e Prevenção para o Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis**. Cadernos de Saúde: Ano I n. 2. 1991.

SOARES, Cassia Baldini; JACOBI, Pedro Roberto. **Adolescentes, Drogas e AIDS**: avaliação de um programa de prevenção escolar. Cadernos de Pesquisa: 109, p. 213-237, mar. 2000.

SOUZA FILHO, E. A. e HENNING, M. G. **Representações sociais da AIDS, Práticas Sexuais e Vida Social entre Heterossexuais, Bissexuais e Homossexuais em Brasília, Brasil**. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro: v. 8, n. 40, p.428-441, out./dez., 1992.

WESTRUPP, M. H. et al. **A AIDS** - doença infecciosa, impactos sobre a assistência. In: GHELLRE, T. et al. Centro cirúrgico: aspectos fundamentais para enfermagem. Florianópolis: UFSC, 1993.

